

OS ESPAÇOS DOS VIAJANTES: POR UMA TEORIA DA ALTERIDADE

Micaella de Moura Costa (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Adson Bozzi Lima (Orientador), e-mail: adson.bozzi.lima@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia / Maringá, PR.

Área: Arquitetura e Urbanismo

Subárea: Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Cartografia, Relatos, Viagem

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de estudar e analisar relatos de viajantes e sua importância. Há várias maneiras de se compreender os espaços, sejam eles urbanos, rurais ou, simplesmente, silvestres. De qualquer, um habitante de uma determinada região termina por se familiarizar com os espaços físicos que lhe são próximos, e, justamente, por isto tende a não refletir sobre eles. No extremo oposto, temos aquele que, ao tomar conhecimento de um dado espaço pela primeira vez, tende a refletir sobre ele: e este é o caso do viajante. Neste sentido, temos um interessante fenômeno cultural: o encontro com a alteridade (por exemplo, os europeus com os continentes americano, asiático e africano, e por outro lado, os seus habitantes com os europeus); e forma como este fenômeno se produz, que pode se dar pela surpresa (o viajante que se diz surpreendido com o que encontra) e o exotismo, como um *topos* que tende banalizar, reduzir e generalizar o encontro com o outro. O principal objetivo da pesquisa proposta é o de estabelecer uma análise sobre as narrativas de estrangeiros sobre os espaços é o principal objetivo dessa proposta de pesquisa. Um objetivo suplementar é verificar o momento histórico (séculos XIX e XX) em que este imaginário ainda existia e era, por escrito, divulgado e reproduzido.

Introdução

Há várias maneiras de se compreender os espaços, sejam eles urbanos, rurais ou, simplesmente, silvestres. De qualquer, um habitante de uma determinada região termina por se familiarizar com os espaços físicos que lhe são próximos, e, justamente, por isto tende a não refletir sobre eles. No extremo oposto, temos aquele que, ao tomar conhecimento de um dado espaço pela primeira vez, tende a refletir sobre ele: e este é o caso do viajante. Neste sentido, temos um interessante fenômeno cultural: o encontro com a alteridade (por exemplo, os europeus com os continentes americano, asiático e africano, e por outro lado, os seus habitantes com os europeus); e forma como este fenômeno se produz, que pode se dar pela surpresa (o viajante que se diz surpreendido com o que encontra) e o exotismo, como um *topos* que tende banalizar, reduzir e generalizar o encontro com o outro.

Ora, o espaço não escapa desta questão. Temos o viajante que se surpreende (ou que se diz surpreendido) com as cidades que encontra no seu péríodo ou que trata a vegetação como algo do registro cultural do exotismo. O filósofo francês Jean-Paul Sartre, por exemplo, se disse espantado com as cidades norte-americanas nos seus escritos de 1945. Ele – assim como muitos europeus – não conhecia os arranha-céus senão por imagens icônicas, como filmes e ilustrações. E, durante muito tempo o continente sul-americano impressionava os europeus mais do que o norte-americano, por que o primeiro era compreendido como mais “exótico”.

Uma importante fonte de informação a respeito deste encontro com a alteridade são as narrativas viáticas, ou, simplesmente, “narrativas de viagens”. Trata-se de um subgênero literário no qual os viajantes descrevem para o seu público leitor, os diferentes hábitos que encontram, os próprios habitantes locais e no caso do objeto principal desta proposta de pesquisa, os espaços, sejam estes uma cidade ou uma paisagem. Caberia destacar que a talvez mais influente narrativa viagem, o livro *As narrativas de Marco Polo*, seja, provavelmente, um livro de ficção e o viajante veneziano nunca teria ido a China. Naquele período histórico era comum que livros de ficção se travestissem em narrativas biográficas para despertar um interesse maior do público leitor. Como explanaremos com mais detalhes, o objetivo da pesquisa seria analisar algumas narrativas viáticas – sejam elas de origem biográfica ou ficcional – para perceber como viajantes tentaram perceber e descrever os espaços desconhecidos que encontraram pela primeira vez.

Revisão de Literatura

O procedimento metodológico adotado baseou-se, em grande parte, no uso de documentos históricos e de análise iconográfica que permitiram desvelar uma realidade para além da literatura como uma descrição ou inventário do real. As fases do método proposto serão descritas abaixo.

Esta pesquisa apresenta a proposta de analisar o registro da escritura dos viajantes. Tal pesquisa pressupõe um conhecimento prévio: o da história do país do autor do texto e da sua época (no caso os séculos XIX e XX), assim como do conjunto da obra do autor estudado e as condições – sociais, políticas – da sua produção.

Além disso, deve-se realizar o cotejamento da obra do autor estudado com obras de autores que lhe são contemporâneos, posto que isso indicará ao pesquisador o que, no texto estudado, é pessoal e o que, ao contrário, é partilhado por uma comunidade intelectual mais vasta. Outra questão importante é o fato de que, nesse caso, deve-se considerar o caráter multidisciplinar e interdisciplinar da pesquisa proposta, posto que os séculos supracitados não foram um movimento que possa ser compreendido a partir de um único domínio, mas foi, ao contrário, um movimento bastante vasto e abrangente, incluindo diversas áreas de saber, como a filosofia, a filologia a sociologia, assim como a história das artes. Do ponto de vista da organização dos trabalhos, far-se-á uma leitura e fichamento dos livros

relacionados nas Referências, o que contribuirá para o desenvolvimento da pesquisa e para a redação proposta de um texto de caráter científico.

Resultados e Discussão

Como afirmamos no capítulo introdutório há várias maneiras de se compreender o espaço. Na literatura há um subgênero literário denominado “relatos de viagem” ou “narrativas viáticas” que são textos (comumente textos em prosa, mas não se exclui a poesia) nos quais um escritor narra as suas aventuras e pérriplos em uma viagem em um espaço recém descoberto. E, como em todo gênero, neste encontramos os seus *topoi*, como o fato do viajante demonstrar o seu espanto, mesmo que não esteja de fato espantado (não devemos nos esquecer que arte é artifício, não tendo nada de natural), o exotismo que quase se confunde com o estereótipo, e, sobretudo, o encontro com a alteridade (BELZGAOU, 2008). Neste sentido, o estrangeiro ou o espaço estrangeiro é o outro, que pode ser percebido de uma maneira positiva ou negativa; neste último caso, não poderíamos esquecer a célebre sentença de Jean Paul Sartre: “O inferno são os outros”.

Ainda, não estariamos exagerando a importância que a literatura viática tem na literatura, uma vez que antes do surgimento do romance; ora o próprio romance *As aventuras de Robison Crusoé*, de Daniel Defoe, publicado pela primeira vez em 1719, se inspira, ainda que livremente, nas atribulações do aventureiro britânico Alexandre Selkirk, tais como foram narradas por Richard Steele. Assim, pode-se afirmar que os espaços que os viajantes percorrem podem ser diversos e dar-se em muitas dimensões: há aqueles que são efetivamente percorridos e outros que são vivenciados como representações do imaginário. Em relação àqueles períodos nomeados vagamente de Antiguidade e Idade Média, conhecemos o Egito dos Faraós pelas descrições do grego Heródoto, a Jerusalém mística pelo livro do muçulmano Ibn Battûta (*Viagens e Pérriplos*, de 1356) e a China do Grande Khan pelo comerciante italiano Marco Polo (PELLEGRINO, 2011); embora, é mister reconhecer que há inúmeras dúvidas se este último tenha, de fato, estado neste País (WOODS, 1997). Por outro lado, em termos de viagens como representações do imaginário, e à guisa de exemplo, poderíamos citar a chamada “busca do Paraíso Terreno”, ou o Éden, a Acádia, espaço supostamente situado na Grécia. Trata-se de espaços que os homens teriam percorrido factualmente ou no seu imaginário – e caberia destacar que, neste caso, a representação não é menos importante que o referente.

Podemos, então, imaginar o europeu tendo que confrontar os seus próprios medos e terrores na conquista do “Novo Mundo”. Sabemos que um fato é ter diante de si a floresta como representação pictórica e literária (referimo-nos a Dante, Boccacio e Altdofer) (PELLEGRINO, 2006, p. 78), outro fato, bem diferente, é a realidade de uma floresta tropical, inteiramente desconhecida pelos europeus, mesmo em termos literários e iconográficos. Mas... Como sabemos, o ouro que estes buscavam era um poderoso motor que os impulsionava a entrar na floresta, a despeito do terror.

Isto significa que em um mundo em que, comparativamente ao mundo contemporâneo, pouco se viajava, a única oportunidade que se tinha de ter contato

e conhecer a alteridade era ler os relatos de viagem, que, como pudemos verificar na citação acima, eram úteis até na formulação de mapas.

Para além da cartografia, pudemos confirmar que os relatos de viajantes são importantes também como fonte documental, trazendo assuntos de nossa cultura material e história social. (CULLEN, 1981, p.17). Porém, construtores e arquitetos estão ausentes desse campo do turismo, em consequência disso, em alguns lugares não temos uma análise arquitetural do passado com conhecimento, como é o caso do Canadá, como descreve a autora.

Conclusões

Defendemos o ponto de vista que um texto pode ser um importante instrumento para apreender a imagem urbana que uma dada sociedade forma. No caso desta pesquisa foram estudados textos escritos por viajantes nos países espaciais – urbanos, rurais ou silvestres – foram narrados. Desta maneira, foi composto um panorama mais amplo das ideias sobre os espaços e sobre as cidades em particular que circulavam na Europa durante os séculos XIX e XX. Como visto, esse período histórico conta, relativamente, com pouca bibliografia produzida, originalmente em português, e com esse trabalho pudemos assim, preencher gradualmente essa lacuna científica.

Além disso, pudemos estabelecer uma análise sobre as narrativas de estrangeiros sobre os espaços. Verificamos que, no momento histórico em que este imaginário ainda existia, era divulgado e reproduzido, como Conely (2017) explica que Oronce Fine desenha um mapa topográfico para Henrique II e dois anos depois já estava sendo divulgado e usado pela imprensa.

Agradecimentos

À Fundação Araucária, pelo patrocínio a esta pesquisa.

Referências

- BELZGAOU, V. **Les récits de Voyage**. Paris: Gallimard, 2008.
- BOSTEELE, B. **The Language of Cartography: Borges as a Mapmaker**. Cambridge Mass.: MIT Press. 2017.
- CULLEN, M. **Highlights of Domestic Building in Pre-Confederation Quebec and Ontario as Seen through Travel Literature from 1763 to 1860**. Bulletin of the Association for Preservation Technology, vol. 13. 1981.
- PELLEGRINO, F. **Geografia e viaggi immaginari**. Milão: Mondadori Electa, 2006.
- WOODS, F. **Marco Polo foi a China?** Trad.: Betina Von Staa. Rio de Janeiro: Record, 1997.